

A CIDADE NA ALDEIA: INFLUÊNCIA E IDENTIDADE ENTRE OS KAIOWÁ DE AMAMBAI E TAQUAPERI

Jorge Henrique da Silva ¹
Rosa Maria da Silva ²

RESUMO: Cidade e aldeia são espaços intrinsecamente distintos e até excludentes, se consideradas a partir de suas características mínimas. No entanto, Amambai e Taquaperi, aldeias indígenas Kaiowá contíguas, respectivamente, às cidades de Amambai e Coronel Sapucaia, não demarcam as fronteiras simbólicas tão nitidamente quando o fazem com as placas delimitadoras da Terra Indígena demarcada. A cidade – aqui não em relação geo-expansiva, mas em seus efeitos simbólicos –, está na aldeia. Abordando esta relação cidade-aldeia, neste trabalho pretendemos refletir acerca do contato Kaiowá com o não-índio da população nacional. Como este afetou e implicou em mudanças em alguns aspectos do modo de viver do povo Kaiowá. Com isso, recolocamos o tema da identidade étnica nos termos de Barth e Cardoso de Oliveira, não pensando associá-la à manutenção de sinais diacríticos como emblemas, vestes específicas, pinturas e outros conteúdos culturais, que efetivamente não são mais notados entre os Kaiowá, mas em termos de uma “forma de organização social” que os mantém estruturalmente coesos e autoidentificados. Missionários evangélicos de vertente protestante histórica, buscamos, na teoria antropológica, uma reflexão das transformações entre os Kaiowá em meio ao fluxo simbólico cidadão. As apropriações de elementos e do modo de vida do outro cidadão dão indícios de que, como atores de sua história, os Kaiowá processam modificações em sua tradição, mas do seu modo, ressignificando sua indianidade na contemporaneidade, eles continuam sendo Kaiowá, mas de outros modos.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, Identidade étnica, Kaiowá, Memória coletiva, Mudança.

THE CITY IN THE VILLAGE: INFLUENCE AND IDENTITY AMONG THE KAIOWÁ OF AMAMBAI AND TAQUAPERI

ABSTRACT: City and village are spaces intrinsically distinct and even excluding, if considered from their minimal characteristics. However, Amambai and Taquaperi, indigenous Kaiowá villages contiguous, respectively, to the cities of Amambai and Cel. Sapucaia, do not demarcate the symbolic borders so sharply when they do so with boundary plates of the demarcated Indigenous Land. The city - which here is not geo-expansive, but with its symbolic effects, is in the village. Addressing this city-village relationship, in this text we intend to reflect on the Kaiowá contact with the non-Indian of the national population. How this affected and implied changes in some aspects of the way of life of the Kaiowá people. With this, we return the theme of ethnic identity in the terms of Barth and Cardoso de Oliveira, not thinking of associating it with the maintenance of diacritical signs such as emblems, specific vestments, paintings and other cultural contents that are no longer noticed among the Kaiowá, but in terms of a "form of social organization" that keeps them structurally cohesive and self-identified. The authors, evangelical missionaries of a historical Protestant side, seek, in anthropological theory, a reflection of the transformations between the Kaiowá during the symbolic flow of the city. The appropriation of elements and the way of life of the other citizen gives indications that, as actors of their history, the Kaiowá process modifications in their tradition, but in their own way, re-signifying their indianity in the contemporaneity, they remain Kaiowá, but in other ways.

KEYWORDS: Change, City, Collective Memory, Ethnic Identity Kaiowá.

¹ Graduação em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Especialista em Antropologia Intercultural pela UniEVANGÉLICA. E-mail: jorhen@hotmail.com.

² Graduação em Odontologia pela Universidade Bandeirante de Odontologia e Especialista em Antropologia Intercultural pela UniEVANGÉLICA. E-mail: rosams502@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ir pela primeira vez ao Paraguai pelo sul do estado do Mato Grosso do Sul, especificamente a partir da cidade de Amambai em direção a Capitan Bado (Paraguai –PY), que faz fronteira com a cidade brasileira sul-matogrossense Coronel Sapucaia, pode ser uma aventura cultural inesquecível, sobretudo para quem esteja inteirado das conjunturas do cenário indigenista contemporâneo. Inevitavelmente terá de se atravessar, ao longo dos 45 km da jornada, a Terra Indígena de Taquaperi.

Olhares ainda condicionados à imagem do índio como o selvagem hollywoodiano ou mesmo os dos documentários sobre populações indígenas do norte do Brasil logo tomará a aventura cultural da travessia territorial nativa como um flagrante frustração ao se deparar com índios vestidos, falando português – também – e morando em casas de alvenaria em meio a uma comunidade não muito diferenciadas de outras comunidades não-indígenas da região. A placa deixada para trás, que dizia “Aldeia Indígena Taquaperi, área: 2.000 hectares, população: 3.400 indígenas” não estava errada. De fato, à sua frente está uma população indígena, a etnia indígena Kaiowá.

As casas de alvenaria com antenas parabólicas ao lado, com a grama aparada e pomares com pés de manga, jardins com flores, os pequenos comércios, o hospital, a escola, a igreja; as pessoas de pele mais amorenada, de cabelos lisos e pretos, porém, vestidas sem excentricidades, são índias. Os jovens com seus cabelos cortados à semelhança aos de ídolos tele midiáticos ou com bonés de aba comprida, corrente no pescoço e roupas largas muito semelhantes aos MC’s urbanos, inclusive com cabelos descoloridos, são também índios no sentido estrito da abordagem etnológica.

No Brasil existem cerca de 305 etnias indígenas, somando 896,9 mil pessoas e 274 idiomas diferentes, segundo o último censo nacional (IBGE, 2010a). Mesmo tão diversa, a população indígena no todo ainda é pensada, grosso modo, em termos midiáticos e com certo “modelo” homogêneo de vida indígena, prevalecendo assim a imagem do índio de cocar, desnudo, guerreiro, quando não marginalizado por sua selvageria, que típica a todos no que Ramos (1995) chamou de “índio hiper-real”. Não incluídos neste “modelo”, os Kaiowá estariam, visivelmente, mais para os ‘índios misturados’ de que fala Pacheco de Oliveira (1999). Uma população indígena que apesar de ajuntada em um território específico e que conserva idioma e tradições pré-cabralinas, parece não mais se amoldar a uma identidade atribuída pelos não-índios do que quer que pensem estes ser um indígena.

O que foi dito até aqui sobre o povo Kaiowá é somente a superfície, e como tal, não expõe as relações sociais, os mitos, os costumes, as tradições mantidas, as dinâmicas identitárias nem os arranjos aparentemente silenciosos de sua realidade. Qualquer aldeia Kaiowá estará posta aos olhos não-etnográficos como ‘aculturada’. De fato, é certo que o contato e a convivência com o não-indígena e seu modo de vida, evidentemente, não deixou de influenciar externa e internamente a população

Kaiowá, mas a mudança não lhes implicou, necessariamente, em processos de implosão cultural como poderia propor a leitura aculturacionista da história dos povos indígenas. Há uma etnicidade Kaiowá que vale muito a pena conhecer.

Esse artigo pretende refletir acerca do contato com o não-índio da população nacional. Como este afetou e implicou em mudanças em alguns aspectos do modo de viver do povo Kaiowá nas aldeias Amambai e Taquaperi, e com isso, recoloca o tema da identidade étnica que, como sugerem Barth (2000) e Cardoso de Oliveira (2000; 2005), não se limita a manutenção de sinais diacríticos como emblemas, vestes específicas, pinturas e outros conteúdos culturais, mas tem mais a ver com uma “forma de organização social”.

A aldeia Amambai dista 6 Km da cidade que leva o mesmo nome. Amambai é um município brasileiro da região centro-oeste, situado no Mato Grosso do Sul. A cidade tem uma população de 34.730 habitantes (IBGE, 2010b). A população indígena é estimada em 12.000 habitantes atualmente, com isso, os indígenas representam cerca de 35% da população de Amambai. Sua história se confunde com a história da erva-mate sul mato-grossense devido os grandes ervais nativos que, por volta de 1878, foram descobertos e economicamente explorados na região (FUNAI, s/d).

Já a aldeia Taquaperi pertence ao município de Coronel Sapucaia. Está localizada a 14,6 km desta cidade. Como registrado acima, a aldeia possui uma área de 2.000 hectares e população de 3.400 indígenas, ou seja, quase 25% da população de Coronel Sapucaia que é de 14.064 pessoas (IBGE, 2010c). Nossa abordagem estará apoiada em aportes antropológico, bem como apoiada em nossa própria vivência nestas comunidades – Amambai e Taquaperi – e nossas observações de campo no período que compreende os últimos três anos que temos atuado junto a Missão Evangélica Caiuá, uma instituição protestante histórica, presbiteriana, fundada em 1928. Além disso, apoia-se, de modo especial, na cooperação de interlocutores Kaiowá que, em conversas e narrativas, apresentaram contribuições norteadoras para este trabalho. Nas citações de suas falas, optaremos por preservar seus nomes, inserindo em seus lugares, marcadores aleatórios, apenas para nosso próprio controle. Portanto, estamos nos valendo de revisões bibliográficas, observações de campo e informações/narrativas nativas para a composição deste trabalho.

No que tange a estrutura que seguiremos, nos propomos a apresentar inicialmente (1) uma síntese das características históricas destas aldeias Kaiowá, seguindo com (2) observações pontuais acerca do modo social de vida nas aldeias, e, por fim, (3) uma abordagem da identidade étnica Kaiowá em meio às influências da cidade e do modo de vida dos não-índios, ou seja, como processam essas modificações em sua cultura. A tempo, cabe uma observação importante aqui quanto ao título deste trabalho. Quando falamos sobre “cidade” ou vida urbana na aldeia, não estamos pensando na cidade

como um espaço geográfico em expansão adentrando a territorialidade indígena, mas sim como a mentalidade, os valores, os produtos tecnológicos e os modos simbólicos que acarretam “mudanças” ou transformações na vida tradicional dos Kaiowá. Como observou o interlocutor C. Kaiowá: “Não apenas a cidade (interfere na identidade do povo), mas as redes de informação, internet, televisão”. Ou seja, quando estamos falando de “cidade” na aldeia, estamos falando de um sistema, não de uma geografia.

CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS DOS KAIOWÁ DE AMAMBAI E TAQUAPERI

De acordo com o site Povos Indígenas do Brasil (PIB) do Instituto Socioambiental (ISA), a população Kaiowá é estimada em aproximadamente 31.000 indígenas localizados principalmente no Mato Grosso do Sul, segundo cálculos aproximados da Funasa e Funai em 2008. Segundo o PIB/ISA, os Kaiowá são um subgrupo, o Guarani-kaiowá, ao lado de outros como os Guarani-ñandeva e Guarani-mbya. Do mesmo modo Chamorro (2015) observa que a história Kaiowá, em alguns momentos, coincide com a do povo Guarani (Ñandéva), “com quem os Kaiowa mantêm contato e compartilham muitas áreas” (CHAMORRO, 2015, p.21).

Segundo o site supracitado:

Investigações arqueológicas mostram que a cultura guarani tem origem nas florestas tropicais das bacias do Alto Paraná, do Alto Uruguai e extremidades do planalto meridional brasileiro (Schmitz: 1979,57). No século V esta cultura já teria se diferenciado da tupi e estaria estruturada com características observáveis no século XVI, bem como nos dias de hoje (PIB/ISA, 2018).

Chamorro (2015) aponta que o nome Kaiowá deriva do termo *ka'agua* que significa “procedente da mata”. Este seria um termo genérico utilizado pelos povos Guarani para designar povos nômades que sobreviviam dos produtos da selva. Segundo ela, *ka'agua* aparece associado de forma mais ou menos restrita ao grupo atualmente conhecido como Kaiowá desde a primeira metade do século XIX:

Quando os agentes da sociedade e do Estado brasileiros, ‘descortinando’ os sertões do oeste, se depararam com indígenas que se diziam Cayuáz. Em suma, estes indígenas seriam aqueles que optaram pelo refúgio nas matas altas, longe do assédio mais direto das frentes pioneiras de exploração e ocupação, no antigo sul de Mato Grosso (CHAMORRO, 2015, p.22).

Destaca-se que a história de contato com não indígenas iniciou-se quando os primeiros conquistadores europeus chegaram, por volta da década de 1530, ao Itatim, região ocupada, entre outros indígenas, por povos Guarani falantes considerado ascendentes dos atuais Kaiowá. A partir daí

houve contatos esporádicos, e por pouco tempo, na época colonial com franciscanos e jesuítas. Depois a região foi invadida por bandeirantes que levaram milhares de guarani para São Paulo e Rio de Janeiro, vendendo-os como escravos ou submetendo-os a outras formas de servidão. Um grupo seguiu com os jesuítas para o sul e outro partiu para o oeste.

Os grupos que permaneceram na região se tornaram os “verdadeiros Kaiowa”. Estes são os que mantêm contato com as expedições de mamelucos e com as moções, que de tempo em tempo cruzavam a região. Mas mesmo esses “verdadeiros” acabaram sendo empurrados para o sul e para o leste pelo Mbajá que, desde o século XVIII cruzando o rio Paraguai, passavam do Chaco paraguaio ao Chaco brasileiro (CHAMORRO, 2015, p.22).

Já nos períodos monárquico e republicano, os membros da elite econômica e política se afazendaram das terras indígenas do antigo sul de Mato Grosso e usaram a mão de obra indígena nas novas práticas econômicas.

No final do século XIX, a área ocupada pelos Kaiowa se tornou palco da guerra entre Brasil e Paraguai... Esse episódio foi seguido por uma nova frente econômica: a exploração da ervamate, que intensificou a mobilidade indígena no âmbito de suas áreas, ou *tekoba guasu*, e acarretou novas formas de interferência na liberdade Kaiowa. O contato, antes intermitente, passou a ser contínuo, impondo-se a submissão colonial com a perda da autonomia no uso do território (CHAMORRO, 2015, p.22).

Entre 1915 e 1928, o Serviço de Proteção ao Índio demarcou oito fazendas para essas comunidades Kaiowá. Grande parte da população, porém, ficou fora das reservas e saiu em busca de lugares ainda não ocupados por particulares.

Data de 1940 outro acontecimento marcante na história regional: o assentamento de centenas de pequenos agricultores, ou camponeses, procedentes do nordeste do Brasil, na Colônia Agrícola Federal de Dourados, implantada em terras ocupadas pelos Kaiowa... Nos anos 1970 iniciou-se a fase das fazendas de soja e outras monoculturas, que levaram a termo o desmatamento e a definição da paisagem que hoje conhecemos em Mato Grosso do Sul (CHAMORRO, 2015, p.23).

Dentre as terras demarcadas para a comunidade Kaiowá em 1915, inclui-se a Aldeia Amambai, tornada reserva em 10 de maio desse ano citado e homologada como terra indígena em 29 de outubro de 1991 pela Secretaria de Patrimônio da União. A Aldeia Taquaperi foi declarada reserva em 14 de novembro de 1928. Os Kaiowá ocupam o território ao redor da cidade de Amambai há aproximadamente 200 anos. Nas décadas de 1830 a 1860 a população Kaiowá vê suas terras sendo ocupadas por não indígenas com a chegada da Companhia Mate Laranjeira. Os indígenas se ocupavam, então, de trabalhar para esta companhia e isto foi-lhe fundamental devido à escassez de trabalhadores da população brasileira nessa região (CHAMORRO, p.117).

Atualmente, notam-se várias relações comerciais, negociações, intercâmbios, escolas, assistência médica, posto da FUNAI, posto SESAI, intercâmbio cultural e esportivo com a população da cidade. O sistema de vida familiar é bem denso sendo que a maioria dos indígenas são representados por numerosas famílias habitando próximas umas das outras. Possuem moradias feitas de madeira e cobertas com sapê, ou feitas com troncos de árvores e cobertas com plástico. Existem também casas de alvenaria, construídas à partir do programa “Cherogami” (Minha Casa, minha vida). Segundo os moradores da aldeia, estas são concedidas por meio de sorteio à partir de informações do líder, o capitão da aldeia. Geralmente não possuem banheiro. Algumas casas já foram contempladas com banheiros externos (e fossas sépticas) confeccionados em resina acrílica.

Quanto à distribuição de água, é proibido perfurar poços, então, eles têm um sistema de nascente que lhes distribui a água através de canos de borracha postos em rasas valetas. Vale ressaltar que nesse subsolo temos o maior aquífero do Brasil, o aquífero Guarany, com excelente qualidade de água. As crianças estudam em escolas dentro da aldeia como, por exemplo, a Escola Mitã Rory (Criança Feliz), localizada nas dependências da Missão Evangélica Caiuá. Em 2018 o número de alunos matriculados nessa escola de educação infantil (educação básica) foi de cerca de 900 crianças, sendo mantida por convênio entre a Missão Caiuá e a Prefeitura Municipal de Amambai.

A aldeia Amambai possui 44 igrejas evangélicas, mas a população também recorre às tradições como a pajelança realizada por pessoas mais idosas. Não existe, atualmente, um ritual para celebrar o casamento. A partir do momento em que passam a viver juntos já são considerados casados.

Alguns cultivam mandioca, milho, feijão em suas pequenas hortas. Porém, o solo arenoso dessa região não é muito apropriado para a plantação. Por este motivo, há distribuição de cestas básicas todo início do mês. Com tanta dissonância do modo de viver segundo sua tradição, sua identidade, sua cosmologia, o povo Kaiowá não mais dispõe de uma variedade de recursos naturais, frutos, caça e pesca, mas subsistem ainda em relativa harmonia com sua forma de ser, de se expressar, de se alegrar e de contemplar a natureza que dispõe. Eles apreciam o tereré, que é o chá gelado da erva mate servido em demoradas rodadas do mesmo sob a sombra de frondosas árvores. Comemoram a vida, apreciam o caminhar do sol e se sobressaem em suas cantorias ao som de poranguinhas ou chocalhos, aqui chamados *mbaraka*, para saudar o universo. Eles seguem a vida se amoldando à tecnologia, mas sem que percam seus valores, sua cultura e suas origens. Assim se percebe o povo da etnia Kaiowá, na Aldeia Amambai, no Mato Grosso do Sul.

Quanto à aldeia Taquaperi, ela está localizada no município de Coronel Sapucaia que faz fronteira com a cidade de Capitan Bado, no Paraguai. Segundo material organizado pela Secretaria de

Estado de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul (SEEMS, 2011), inicialmente a aldeia ocupava uma área de 3.000 hectares. Após a demarcação, o território diminuiu para 2.300 hectares e hoje, 2.000.

Taquaperi é subdividida nas regiões Takuapiry, Manga'i, Takuara e Cerro. A região de Takuapiry ocupa uma posição mais central na aldeia, com posto de saúde, farmácia e escola. A maioria das casas dessa região é de alvenaria e com moradores que possuem melhores condições financeira e de moradia. Há também casas de tábuas de madeira e bem poucas casas com tiras de bambu, cobertas de sapê. A maioria dos professores, agentes de saúde e empregados registrados moram nessa região. Uma particularidade da aldeia Taquaperi é que a rodovia que liga as cidades de Amambai e Coronel Sapucaia corta a aldeia. As pessoas que moram próximo ao asfalto possuem melhores condições financeiras e de moradia. O asfalto passa pelas regiões Takuapiry e Manga'i.

A região do Manga'i é um pouco mais simples que Takuapiry. Há um número maior de casas de tábuas de madeira, mas ainda há bastantes casas de alvenaria. Há também uma escola e um posto de saúde com farmácia. As regiões do Cerro e do Takuara são as regiões mais pobres da aldeia, com a maioria das casas feitas de madeira e com uma predominância maior em relação às outras regiões de casas com tiras de bambu e sapê ou ainda feitas com lona e sapê. Nessas regiões está localizada a maioria das pessoas que procuram plantar para tirar o sustento para suas famílias e que cujos maridos saem para trabalhar em lavouras ou colheitas no sul do país. Em geral, nessas regiões, as pessoas falam menos o português.

A Aldeia Taquaperi possuía bastante mata, mas, em razão da venda e da utilização de madeira na construção de casas, a mata foi diminuindo e o que restava era ainda queimado. As regiões do *Manga'i* e do Cerro são as que ainda mantêm alguma mata. Naturalmente, o desmatamento afetou também a fauna da região. Antes, era comum a domesticação de macacos, emas, quatis e papagaios. Com a redução da mata, os animais começaram a desaparecer, restando apenas animais menores como: tatu, rato, preá, coelho, lagarto e pássaros – animais estes que são caçados. Entre os animais domesticados estão cachorros, gatos, galinhas e cavalos. Apesar do avançado desmatamento, a flora ainda é bastante rica e diversa. Ainda há árvores de grande porte e plantas menores, muitas destas utilizadas como remédio pelos Kaiowá.

Todas as quatro regiões da aldeia possuem nascentes de água, mas em alguns lugares existe erosão pela falta de árvores para proteger as nascentes e fortalecer o solo. Hoje em dia, percebe-se a diminuição da plantação de milho, mandioca, feijão de corda, batata e cará. Muito se diz que a diminuição da produção desses alimentos decorre da distribuição gratuita de alimentos promovida pelo Governo aos moradores da aldeia. A educação nas aldeias é feita em três línguas: guarani, português e espanhol.

Segundo o relato de moradores da aldeia Taquaperi, não havia uma organização central da população, mas sim, familiar. A unidade familiar era composta por avós, pais, filhos, netos que habitavam num mesmo local. Cada família tinha o seu próprio líder e o seu pajé, também chamado cacique-rezador. Não havia outras famílias morando próximo. A família se reunia para caçar e pescar. O pai ensinava o filho a caçar e a pescar enquanto à mãe competia ensinar a filha os cuidados da casa. Em tempo de festa, um membro da família saía uma semana antes, à pé, convidando as famílias conhecidas e os parentes mais distantes para a festividade específica. Todos os convidados traziam alimentos para a festa. Assim, passavam a noite festejando e, na manhã seguinte, as visitas iam embora.

R. Kaiowá relatou-nos as experiências vividas por sua avó, dizendo que “havia uma casa grande onde todos moravam. Só havia um líder. Quando iam fazer o *guaxiré* um viajava longe para convidar os outros”. ‘Guaxiré’ é uma festividade religiosa que envolve dança e reza. E também um ritual religioso em que se cantam os mitos da aldeia e do povo. Não é a única festa religiosa, mas é a mais expressiva delas. Há ainda outros rituais religiosos igualmente conduzidos por música e pajelança que, segundo os Kaiowá, “são mais pesados que o *guaxiré*”. Estes envolvem mais ritualismo e ocorrem manifestações de êxtases.

Segundo E. Kaiowá “antes da criação da reserva a organização era familiar. Cada família tinha uma organização. Era uma família coletiva”. Ele descreve como eram realizados os casamentos, dizendo: “O pai e a mãe era quem escolhia com quem os filhos iam casar-se. Os pais conversavam e decidiam entre si. Os pais da moça, então, levavam a moça numa rede para o marido. A comunidade, então, era chamada para a cerimônia e todos davam conselho”. C. Kaiowá destacou ainda que “os homens para casar tinham que ter roça, casa e tinha que passar pela aprovação da família. A preparação (namoro) durava três meses sob a supervisão dos pais. A moça ia aprender a ser dona de casa e as famílias se visitavam entre si”.

A tradição cultural era repassada aos membros das famílias pelos mais velhos que geralmente ocupavam a posição de líder e pelos caciques-rezadores (pajé). Segundo contou-nos C. Kaiowá,

A vida era dividida em fases: gestação, nascimento, batismo - que era quando a criança recebia um nome dado pelo rezador -, amamentação, furo do lábio (para os meninos) que simboliza que a pessoa estava aprendendo para se tornar menino, guardião, rezador. Cada fase era marcada por um ritual. A menina, quando tinha a primeira menstruação ficava de resguardo dois meses. Ficava fechada numa casa de reza e aprendendo a cuidar da casa.

A identidade do povo Kaiowá também é atrelada ao uso da língua Guarani-Kaiowá. Embora essas duas línguas provenham do mesmo tronco linguístico, há diferenças substanciais entre elas.

Nada, porém, que impossibilite a comunicação. Para os indígenas da etnia Kaiowá, a língua é seu maior patrimônio cultural e a maior expressão da sua identidade e unidade.

J. Kaiowá resume assim o 'jeito de ser' do povo Kaiowá:

O Kaiowá é mais pacífico, valoriza mais a família, gosta de ficar na fogueira tomando chimarrão, usa remédio caseiro. Kaiowá gosta de dançar pegando na mão. Outro indígena (de outra etnia) não gosta de contato. A comida típica do Kaiowá é a xinxa, batata doce, cará, farinha de milho sem sal. Comida do caiuí mesmo você não pode sentir nem o gosto do sal.

Queremos iniciar as nossas considerações trazendo a contribuição que Norbert Elias (1994), em seu livro "O processo civilizador", volume 1, onde aborda os costumes de um indivíduo no avanço do processo que ele chama de processo civilizador, é:

A 'civilização' que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos. (ELIAS, 1994, P. 73)

Elias diz que o processo busca adequar esse sujeito ao padrão de conduta social desejado na época. Importante destacar para o tema em questão que o processo de controle faz com que o comportamento desejável "pareça à mente dos indivíduos resultado de seu livre arbítrio e de interesse de sua própria saúde ou dignidade humana" (ELIAS, 1994, p. 153).

As formas como os grupos étnicos e as populações tradicionais se apresentam em seus ambientes, é o resultado de um processo complexo, de muitos significados e descrições. Um processo contínuo de amoldamento ao círculo em que o sujeito se desenvolveu. A antropologia interpretativa de Clifford Geertz (2008), na sua descrição de cultura diz:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais, enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 2008, p.15).

Para Geertz, o sujeito aprende os valores e padrões de comportamento em um processo de permanente adaptação ao meio em que está inserido. Só é possível compreender a ação do sujeito através da perspectiva cultural na qual ele está inserido. Tentar mudá-los ou transformá-los exigirá um esforço extra. A presente análise propõe a utilização do método interpretativo como ferramenta para desvendar os eventos, os símbolos e a cultura do grupo que nos interessa, ou seja, através de uma via de acesso da aplicação de metodologias participativas.

A utilização de metodologias participativas possibilita o ato comunicativo, a aquisição de conhecimentos numa visão complexa e sistêmica da realidade, favorecendo a autogestão e uma melhor visualização para os atores sociais envolvidos no processo dos pontos necessários para uma atuação

planejada. As metodologias participativas são um conjunto de técnicas de produção de conhecimento, assentados no princípio de construção conjunta do conhecimento e com o envolvimento dos atores, tanto da comunidade como dos técnicos. Estas metodologias e técnicas se caracterizam por trabalhar com simulações, dramatizações e exercícios que permitem ao grupo vivenciar e processar uma experiência vivida, a fim de que haja melhoria das condições de vida das pessoas e do exercício da cidadania.

Esse artigo propõe um modelo de intervenção, para esses atores sociais que através de metodologias participativas podem conduzir a gestão compartilhada como uma ideia de fomento ao etnodesenvolvimento, ou ao desenvolvimento alternativo – sustentável - de grupos étnicos e populações tradicionais. É um modelo que navega na contramão da lógica do financiamento e execução de projetos que tem sido frequentemente determinado e definido internacionalmente por organismos financeiros multilaterais ou de organizações da sociedade civil. Se o conceito de etnodesenvolvimento está intrínseco ao modelo de gestão compartilhada, então isso poderá servir como um bom pretexto para pensar as formas de relacionamento das sociedades dominantes com os grupos étnicos e populações tradicionais.

MODO SOCIAL DE VIDA NAS ALDEIAS

Muitos aspectos históricos aqui apresentados estão na memória dos Kaiowá, mas não fazem mais parte da vida social atual. Mesmo assim, eles nos dão direções para podermos compreender a sua visão de mundo. Abordaremos agora alguns elementos que interferiram (e interferem) tanto no modo de vida do povo Kaiowá nas aldeias Amambai e Taquaperi como em sua identidade.

Além da questão da construção das casas, das parabólicas e da vestimenta que já pontuamos, vemos ainda outros elementos urbanos presentes no dia a dia da aldeia. Percebem-se mudanças na estrutura da aldeia e nos modos de transportes/locomoção – se, antes, como relatado há pouco, os convites para as festividades eram feitos à pé, saindo uma semana antes, hoje já há bicicletas, motos, carros na aldeia que facilitam a mobilidade do povo. Há também o avanço de novas tecnologias e mídias como smartphones, notebooks e internet.

Segundo C. Kaiowá, a criação da reserva foi o primeiro elemento a ‘alterar’ o modo de vida na aldeia. Ele afirma: “o propósito da criação da reserva foi trazer para perto as famílias que viviam longe. A criação da reserva foi o primeiro ponto de ruptura. O capitão batia, expulsava, punia. Algo que nas famílias extensas os rezadores não faziam.”

Acerca da criação da reserva e a maneira como isso alterou o modo de vida do indígena Kaiowá, E. Kaiowá acrescentou:

Antes da criação da reserva a organização era familiar. Cada família tinha a sua organização. Era uma família coletiva. Vieram a reserva e depois o capitão, para que a FUNAI pudesse colocar ordem na aldeia. Outras famílias foram entrando na reserva. Antes as famílias eram espalhadas e a liderança era familiar. Com a criação da reserva eles foram colocados todos num lugar só sob uma liderança.

O agrupamento geográfico afetou, momentaneamente, o modo de agricultura familiar. J. O. Kaiowá lembra que “antigamente o povo dependia mais da plantação, depois a FUNAI começou a incentivar roças comunitárias e incentivar com cestas básicas, mas a política foi dificultando o trabalho das roças comunitárias e elas se tornaram mais familiar”.

Outro elemento de mudança resultante da demarcação do território Kaiowá foi a ‘introdução da política’ na aldeia. É dito que a configuração política atual não existia entre os Kaiowá. Como a estrutura da sociedade era familiar e as famílias não moravam próximo uma das outras, a liderança era também exclusivamente familiar. Com a criação da reserva, as famílias foram ajuntadas em um só lugar e passou a ser necessária uma liderança geral (o capitão) para comandar todas as famílias, como se fossem uma só. Em algumas áreas foram reunidas pessoas com características semelhantes, mas que não eram do mesmo povo. Por exemplo, Kaiowá e Guarani tinham em comum o tronco linguístico, mas provinham de famílias diferentes. Ao reunir esses dois grupos, um passou a competir com o outro. Nas palavras de E. Kaiowá, “Guarani e Kaiowá não se dão”, contudo agora dividiam a mesma reserva.

J. Kaiowá descreveu-nos questões políticas e os conflitos que envolviam e envolvem a escolha do capitão da aldeia:

Não tinha título. Depois que vem o título o indígena começou a ficar um contra o outro. Antes os indígenas comiam juntos, ficavam juntos. Entrou a bebida. A nova geração se envolve muito com a droga, à partir de 1996. Os políticos entraram e começaram a ajudar aqueles que os apoiavam e os que não apoiavam ficavam longe e desprezados, enquanto os outros ficavam orgulhosos. O povo se reunia para escolher o capitão. Depois de 2000, 2002 a política da cidade começou a interferir na escolha do capitão da aldeia, com ministério público, FUNAI, criar politicagem. A partir daí foi feita uma ata. Muitos não queriam esse tipo de eleição, mas essa oposição foi ficando quieta, perdendo a sua força.

O que se percebe é que aqueles que não apoiam o capitão que vence a eleição acaba por escolher um líder na sua região, mantendo-se, ou reaproximando-se assim, da estrutura familiar tradicional.

A entrada de outras religiosidades foi outro movimento que interferiu acintosamente na mudança das práticas tradicionais e na identidade do povo destas aldeias Kaiowá. O primeiro movimento religioso a entrar nestas aldeias foi o protestantismo histórico – presbiterianismo – através da Missão Evangélica Caiuá. Esta missão, com sede em Dourados, chegou ao Mato Grosso do Sul há 90 anos através de missionários estrangeiros que declaravam como objetivo de sua missão não apenas o evangelizar os indígenas, mas cuidar destes de forma integral. Assim, criaram o Hospital Porta da Esperança, hospital com especialidade no tratamento de indígenas; o Centro de Nutrição Infantil, especializado em atender crianças que nasciam com algum tipo de deficiência ou paralisia; e também a Escola. Isto trouxe transformação às estruturas da aldeia, pois anteriormente crianças portadoras de tais deficiências não eram aceitas na comunidade. Com a criação do Centro de Nutrição Infantil os pais passaram a deixar as crianças no hospital. Com o tempo, muitas dessas crianças passaram a ser reinseridas no convívio familiar.

Além da Missão Caiuá, surgiram nas aldeias algumas denominações evangélicas pentecostais e neopentecostais, o catolicismo e alguns segmentos cristãos para-evangélicos. Por toda essa penetração religiosa, há hoje uma reflexão interna sobre a presença da igreja cristã nas aldeias, se ela muda ou não a cultura e a identidade tradicional do povo. E se muda, se essa mudança é benéfica ou não. Para C. Kaiowá:

A igreja por um lado é bom, mas por outro trouxe algumas coisas ruins. A igreja ajudou muito as famílias que praticavam violência. O ruim é que há uma desvalorização da língua, da cultura, da identidade. Muitos pais querem que os filhos vão estudar na cidade para falar melhor o português e poder ser pregador. Há conflitos entre igrejas. Isso traz dificuldade à estrutura da aldeia. A vantagem é que a igreja ajudou a gente a se valorizar.

Do mesmo modo, J. Kaiowá, que já congregou em uma das igrejas evangélicas da aldeia, com um discurso mais simpático à igreja, afirma que:

a igreja não mudou a cultura. Trouxe uma nova religião, mas não mudou a forma de vida do povo. Mudou trazendo ensino sobre Deus, relacionamento com os outros, mas não fez o povo perder a cultura. Não mudou o que a gente é por dentro. A igreja ajuda o pai e a mãe a não abandonar a família. A igreja ajudou muito a comunidade.

E R. Kaiowá, da aldeia Amambai, refletindo uma abordagem dinamista da cultura sugere que “a religião muda a cultura, mas não muda a tradição, língua, fala, convivência. A religião é dinâmica e faz a gente não olhar para o lado errado”. As falas destes interlocutores nativos são colocadas aqui não para justificar a evangelização ou tentar amenizar suas implicações, mas porque a missão e a sua ação tem sido tema na etnologia indígena desde as leituras do quinhentismo até a atualidade histórica, não sendo honesta uma abordagem dos Kaiowá que invisibilize essa presença no que tange aos temas

da tradição e da identidade étnica. Se não é possível a neutralidade absoluta na pesquisa social, ao menos buscamos a ‘imparcialidade’ nos relatos que ouvimos acerca da evangelização – segundo a direção de Luís Roberto Cardoso de Oliveira no que diz:

Em relação à questão da neutralidade, acho que, inclusive por causa desse diálogo com o judiciário, mas não só por causa dele, deveríamos fazer uma diferença entre neutralidade e imparcialidade. [...] Isto é, se a neutralidade é inviável porque o antropólogo não pode abrir mão de sua condição de ator, a imparcialidade pode ser vislumbrada desde que o pesquisador se preocupe em se expor às diversas versões dos fatos a serem interpretados, e não tome posições que não possa defender argumentativamente. Se tal procedimento não garante interpretações definitivas ou absolutas, pelo menos exclui aquelas que seriam arbitrarias (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2003, p. 12-13).

A escola, por sua vez, trouxe também mudança à estrutura social do povo Kaiowá. Ela foi introduzida na aldeia pelos missionários, mas hoje a educação nas aldeias se expandiu significativamente criando escolas municipais e estaduais nas aldeias. A escola acabou por tirar a instrução das crianças do pajé. Hoje, porém, veremos mais adiante, a escola é um dos instrumentos para a luta pela preservação da cultura.

E. Kaiowá enfatiza que “a educação familiar começou a ser enfraquecida com a entrada na escola. As crianças vinham muito cedo para a escola. Assim a escola traz coisas positivas e negativas. A escola foi introduzida pelos missionários”. Embora a escola, num primeiro momento, tenha sido um dos pontos de ruptura com as antigas tradições, os Kaiowá das aldeias Amambai e Taquapery reconhecem a importância dela nas suas aldeias. Na fala de J. Kaiowá, “a escola deu mais coragem para o povo se manifestar”.

A. Kaiowá, estudante do ensino superior, morador na Aldeia Taquapery, assinala que a escola na aldeia foi importante porque os alunos que iam estudar na cidade sofriam preconceito. A senhorita N. Kaiowá da Aldeia Amambai contou-nos um episódio que envolveu o irmão dela, de 12 anos, na escola na cidade: “O branco tem preconceito com o índio. Por exemplo, meu irmão tá sofrendo preconceito na escola. Ele ouviu outro dia na hora do lanche um colega da classe passar perto dele e dizer: ‘esse povo é esfomeado’. Ele estava com amiguinhos também indígenas”.

Além destas instituições elencadas que alteraram a configuração tradicional da aldeia, há ainda outros elementos inseridos na nova dinâmica da vida Kaiowá nas aldeias Amambai e Taquaperi como a introdução do comércio, dos veículos automotores, das máquinas de uso agrário (roçadeiras, motosserras) e de outras tecnologias. Na aldeia não há posto de gasolina, mas eles têm um pequeno estoque ao preço de R\$ 5,00, R\$ 10,00 o litro. Esta gasolina é usada para as situações de emergência deles que, em sua grande maioria, possuem motocicletas (há também carros na aldeia) compradas no Paraguai a bom preço. Usa-se também a gasolina vendida no local nas máquinas roçadeiras e

motosserras. Alguns indígenas têm um pequeno comércio "brechó", com roupas compradas na cidade. Vendem-se também bolos, picolés, e mantimentos como açúcar, arroz, carcaça de frango e osso buco bovino. Nas festas, é comum comerem "puchero" - comida de origem hispânica que remonta à região da Andaluzia e Ilhas Canárias. Aqui, na versão Kaiowá, o prato resume-se à mandioca cozida com osso buco.

Outro fator de alteração no modo de vida tradicional dos Kaiowá é o êxodo, período temporário de trabalhadores no plantio e colheita da maçã no sul do país (Paraná, Santa Catarina ou Rio Grande do Sul). Geralmente os empregadores entram em contato com alguém da aldeia para arregimentar os trabalhadores. Na aldeia Amambai, o líder maior, "o capitão", recolhe os documentos do pessoal disposto a ir e partem em comboio de 5 ou 6 ônibus e lá trabalham por 3 meses. Esta é uma árdua tarefa para eles, queixam-se, porque, enfim, têm de se submeter aos implacáveis ponteiros do relógio dos 'brancos' que têm horário para tudo.

J. O. Kaiowá lembra que as primeiras casas de madeira na aldeia foram introduzidas por esses trabalhadores que ao chegar nas fazendas viam as casas de madeira e, ao voltarem para a aldeia, com dinheiro, compravam, então, madeira para a construção de suas casas. As casas de alvenaria foram introduzidas pelos trabalhadores assalariados dentro da aldeia mesmo, professores e agentes de saúde nativos. Alguns moradores constroem galinheiros e abrigos para animais com madeiras trazidas e trocadas por galinhas e frangos pelos não-índios quando vão às aldeias.

C. Kaiowá destaca a maneira abrupta em que muitas vezes as mudanças ocorrem dentro da aldeia. Ele afirma: "As coisas acontecem, vem muito rápido. Vem primeiro para entender depois. Muitas dessas coisas eram de fora, mas agora são de dentro". Ele ainda lembra que quando o programa de governo "Luz para todos" chegou na aldeia e a energia elétrica foi colocada nas casas das pessoas, muitos velhos abandonaram suas casas, pois não estavam acostumados com aquele tipo de iluminação.

As transformações na vida da aldeia também decorrem de três elementos bastante presentes na realidade social Kaiowá e que careceriam, por si só, de um trabalho específico para tratá-los mais detalhadamente: 1) o alcoolismo; 2) as drogas; e 3) o suicídio.

Em relação ao primeiro, há uma ligação direta entre este e o contato do indígena com 'o mundo dos brancos'. Ainda que dentro da própria tradição Kaiowá houvesse a prática do uso de bebidas fermentadas, como, por exemplo, a xinxá - um tipo de bebida produzida a partir da fermentação do milho -, o contato com as fazendas de engenho, num primeiro momento, e, depois, a proximidade da cidade e a criação do asfalto facilitando o acesso a esta, transformou o alcoolismo uma epidemia social, destruindo vidas e famílias e promovendo desordem em meio à comunidade.

A presença das drogas na aldeia também está diretamente ligada ao contato com o não-indio. As aldeias ficam próximas à fronteira com o Paraguai. No caso de Taquapery, ela está localizada a 14 Km da fronteira e a estrada de acesso passa ao lado da aldeia. Atualmente muitos jovens têm sido arregimentados para trabalhar em fazendas produtoras da maconha e enviados de volta à aldeia para a distribuição da produção. Assim como a bebida, a drogadição tem causado muitas convulsões sociais e aumentado a criminalidade e a violência na aldeia.

Em relação ao suicídio, existem várias causas ligadas a ele que a proposta desse trabalho não nos permite detalhar profundamente, mesmo porque não foi a influência da cidade e seu sistema de operação que introduziu o mesmo na comunidade. Pelas informações obtidas, esta já era uma prática comum antes deste contato com o mundo dos brancos. Em conversa com pessoas que tentaram o suicídio ou com seus familiares não foi possível obter uma causa prática, única. O que se observa é que, muitas vezes, se recorre a ela diante de uma desilusão amorosa, uma frustração ou uma vergonha passada em público. Entre eles, há quem diga que antes da tentativa de suicídio ouviu-se uma voz, um tormento. Outros dizem não se lembrar do momento em que tentou o suicídio. Em Amambai e Taquaperi, a prática do suicídio não está associado à disputa de terras como ocorre em outras etnias e aldeias. Mas ela apresenta-se como uma válvula de escape, trazendo consigo tanto uma decisão de colocar um fim a uma situação inconveniente quanto à esperança de se acabar com o sofrimento físico/psíquico e entrar numa esfera de gozo espiritual.

Quanto a essa duplicidade de interpretação sobre que tipo de solução o suicídio traz, é importante lembrarmos da observação feita por Geertz (1989) de que nem todos dentro de uma cultura ou grupo étnico assimilam todos os aspectos da cultura da mesma maneira, e nem todos os membros de uma etnia tem acesso a todos os aspectos de sua cultura. Vale ressaltar que a população indígena das aldeias Amambai e Taquaperi é constituída de dois povos com características físicas parecidas, mas com diferenças étnicas marcantes: os Guarani-ñandeva e os Kaiowá. Cada grupo tem interpretações míticas próprias para essas transformações e problemas sociais.

ACERCA DA IDENTIDADE ÉTNICA KAIOWÁ EM MEIO ÀS INFLUÊNCIAS DA CIDADE

Como podemos observar, a relação da cidade com as aldeias ocasionou - e ocasiona ainda - transformações em suas dinâmicas sociais. Contudo, nos propomos a pensar, apoiados em nosso referencial teórico, que o caráter flexível e mutável da identidade pode explicar os processos históricos

que os Kaiowá têm vivido, que requerem reposicionamentos culturais ao mesmo tempo em que apontam para a permanência de alguns aspectos fundamentais.

Pollak (1992) observa que a identidade é formada a partir de memórias pessoais e coletivas do indivíduo na sociedade que o abriga. Já Ciampa (1989) descreve que é falso afirmar que as pessoas são de determinada forma e não se modificam. Ele destaca que a identidade é formada a partir da relação com o outro num processo de identificação e distinção e que “as identidades, no seu conjunto, refletem a estrutura social ao mesmo tempo que reagem sobre ela conservando-a ou transformando-a” (CIAMPA, 1989, p. 67).

Em se tratando dessa rede de relacionamento entre indivíduo e comunidade hospedeira como fator formador da identidade, é importante ressaltar que os relacionamentos dessa comunidade de origem é o primeiro elemento que molda a identidade através de suas memórias, costumes, tradições, ensinamentos etc. Porém, essa identidade, como um fenômeno dinâmico sempre sofre transformações a partir do relacionamento com outras identidades ou outras realidades.

Outro autor que desenvolve essa ideia da interconexão entre culturas como um processo natural e em andamento é Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural da pós-modernidade*. Ele desenvolve que o fenômeno da globalização tem contribuído para o surgimento daquilo que ele chama de culturas híbridas que seriam culturas que de alguma maneira mantêm o seu contato com aspectos mais tradicionais e locais, mas que ao mesmo tempo não apenas dialogam com outras culturas como também assimilam parte de suas características. Embora suas afirmações se refiram a estados-nações, suas conclusões podem perfeitamente ser aplicadas à realidade dos povos tradicionais, como Almeida (2010) demonstra, observando que a despeito do chamado processo de “aculturação” estar em curso cada vez mais acelerado pelo fenômeno da globalização, contudo em vez disso levar à extinção as diferenças étnicas, isso tem contribuído para reforçá-las. Enfatiza que

os movimentos indígenas da atualidade evidenciam que falar português, participar de discussões políticas, reivindicar direitos através do sistema judiciário, enfim, participar intensamente da sociedade dos brancos e aprender seus mecanismos de funcionamento não significa deixar de ser índio e sim a possibilidade de agir, sobreviver e defender seus direitos. São os próprios índios de hoje que não nos permitem pensar mais em distinções rígidas entre índios aculturados e índios puros (ALMEIDA, 2010, p. 20).

Almeida (2010) demonstra que nas últimas décadas o indígena deixou de ser olhado tanto pela história como pela antropologia como uma vítima dos colonizadores antigos e modernos e passou a ser considerado como agente e protagonista de sua própria história. Ela também desconstrói o conceito de cultura rígida, inflexível e imutável.

Olhando para a história do povo Kaiowá percebemos que há uma interconexão entre a manutenção de aspectos tradicionais da identidade e a assimilação de novos aspectos a partir da comunicação com a cidade e suas relações. Ao assimilar esses novos conceitos os Kaiowá vão fazendo sua atualização histórica, ressignificando e até mesmo traduzindo elementos estrangeiros de acordo com sua visão de mundo, religiosidade e cosmologia.

Laraia (1986) também fala do caráter dinâmico da cultura, importante elemento da formação da identidade. Ele afirma:

(...) os homens, ao contrário das formigas, têm capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los. O antropólogo concordaria, porém, que as sociedades isoladas têm um ritmo de mudança menos acelerado do que o de uma sociedade complexa, atingida por sucessivas inovações tecnológicas. Esse ritmo indígena decorre do fato de que a sociedade está satisfeita com muitas de suas respostas ao meio e que são resolvidas por soluções tradicionais. Mas esta satisfação é relativa; muito antes de conhecer o machado de aço, os nossos indígenas tinham a consciência da ineficácia do machado de pedra. Por isto, o nosso machado representou um grande item na atração dos índios (LARAIA, 1986, p.95).

Ele conclui que existem dois tipos de mudança cultural: “uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com outro” (LARAIA, 1986, p.96). Podemos observar esses dois aspectos da mudança cultural dentro do contexto Kaiowá. Vamos usar como exemplo a construção das casas nas aldeias Kaiowá. Assim como Laraia observa que antes de conhecer o machado de aço os indígenas tinham a consciência da ineficácia do machado de pedra, igualmente as casas de madeira surgiram no contexto indígena num momento em que se observou uma diminuição progressiva dos recursos naturais, sobretudo o sapê usado na construção de suas casas tradicionais.

A introdução das casas de madeira serrada desperta nessa população a observação de que esse tipo de casa é mais seguro e mais resistente que as casas de materiais naturais. A mesma observação é feita ao se comparar as casas de madeira com as de alvenaria (da cidade). Assim, à medida que o Kaiowá adquire uma “condição de vida melhor”, a tendência é substituir suas casas, sejam de materiais naturais por madeira serrada, sejam de madeira serrada por alvenaria. Esse é um tipo de atualização histórica presente na comunidade, não apenas na estrutura das casas, mas também na transmissão do conhecimento a partir da formação escolar e não mais através das instruções dos mais velhos, além de tantos outros.

Outro aspecto importante sobre esta relação entre aldeia e cidade, diz respeito ao momento em que os povos tendem a fortalecer e manifestar os aspectos tradicionais de sua identidade. Tanto Cardoso de Oliveira (2000) como Stuart Hall (2005) demonstram que a identidade cultural ou étnica

tende a se manifestar e se fortalecer num contexto de crise. Chamorro (2015) demonstra como os momentos de crise foram importantes para o fortalecimento da identidade do povo Kaiowá.

Os Kaiowa costumam dividir sua história em três tempos: o tempo do *yma guare* – o tempo de antes, o tempo de liberdade, das coisas boas; o tempo do *sarambi*, “bagunça, espalhamento compulsório” – o tempo sombrio da perda territorial, dos deslocamentos forçados, da pobreza e da miséria, é o tempo das catástrofes... Contudo, na história kaiowa existe um terceiro tempo: o tempo de hoje, “o tempo do direito”, da luta por sua terra e seus direitos, o tempo em que o desprezado Ka’agua se transforma em um orgulhoso Kaiowa (CHAMORRO, 2015, p.18).

Ao observar esse momento de crise, ou *sarambi*, na história do povo Kaiowá entendemos que o Kaiowá é um povo resistente que, a despeito de todas as suas lutas e das transformações sofridas, sejam por forças internas ou externas, pôde assumir aspectos do mundo dos brancos, sem, contudo, deixar de se entender Kaiowá.

Um fenômeno antropológico observável na relação entre os indígenas da etnia Kaiowá e a cidade é o da tradução associativa, que é quando algum elemento estrangeiro é traduzido com o entendimento daquela etnia que o recebe. Esse fenômeno é observado em vários aspectos da cultura, de formas muito diversas, porém uma das manifestações mais visíveis deste diz respeito ao culto religioso pentecostal. Embora o primeiro trabalho religioso estrangeiro a chegar nessas comunidades Kaiowá tenha sido o protestantismo histórico através das Igrejas Presbiteriana do Brasil e Independente, representado pela Missão Evangélica Caiuá, o pentecostalismo tem crescido bastante no meio dessas aldeias.

Com várias congregações pequenas espalhadas por vários cantos da aldeia, muitas vezes bem próximas umas das outras, esse segmento cresce devido à sua ênfase num contato mais extático, algo muito comum na espiritualidade tradicional Kaiowá. Esses cultos pentecostais também possuem uma liturgia mais livre de formalidades e com um compromisso menor com o estudo das Escrituras como no protestantismo histórico. A musicalidade e as oportunidades oferecidas nessa “liturgia” pentecostal muito se assemelham às antigas festividades da aldeia mais no aspecto da celebração que no aspecto ritualístico.

A verdade é que as religiosidades protestantes histórica e evangélica pentecostal foram assimiladas pelo Kaiowá tanto no uso e costumes pentecostais como na assimilação de conceitos doutrinários históricos. Obviamente que nem todos assimilam da mesma maneira essas inserções estrangeiras. Como frisou C. Kaiowá, o “cacique rezador” sempre vai ser uma boa opção buscada por muitos Kaiowá que hoje estão dentro das igrejas evangélicas quando estas não resolverem os seus problemas pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma coisa importante de se ressaltar nesse relacionamento entre cidade e aldeia é que esse é um processo já iniciado, em andamento e irreversível. Esse intercâmbio é um processo natural, assim como o processo de transformação cultural também o é. Isso é importante de se assinalar diante de muitas tentativas de se tentar levar o indígena de volta às suas “origens”. Como observado, as transformações ocorrem tanto por meio de uma percepção interna, como através de um olhar para o mundo externo.

Outra observação importante de ser feita é que nessa inter-relação entre aldeia e cidade é preciso abandonar atitudes etnocêntricas nesse intercâmbio cultural. É preciso reconhecer a importância e o valor da história desse povo e sua capacidade de transitar em dois mundos, sem perder suas características originais.

Também é importante observar que a atualização histórica traz benefícios, mas pode também trazer alguns prejuízos. Um dos prejuízos notados foi a transferência da educação dos mais velhos para a escola. O tipo de educação nacional foi e tem sido um instrumento importante para facilitar a adaptação do índio ao mundo dos brancos. Porém esse tipo de educação tradicional brasileiro não observa a forma de aprendizado e de assimilação de conceitos e ideias desses povos tradicionais e ao tirar a instrução da mão dos mais velhos, mudou-se a centralidade da estrutura e enfraqueceu-se o poder destes atores na comunidade. Muitos dos distúrbios sociais presentes na aldeia provêm do enfraquecimento da autoridade dos pais e dos mais velhos, transferida agora para a escola. Muitas vezes a família se vê enfraquecida diante da ameaça do alcoolismo e da droga e a própria escola também tem dificuldade de influenciar positivamente contra essas realidades.

É primordial notar e respeitar a cultura do indígena, mesmo que de imediato não possamos entendê-la. É necessário olhar para o indígena não apenas como aqueles a quem devemos instruir ou que tem que se adequar às nossas leis e aos nossos modos. É preciso reconhecer a contribuição destes para a formação de nossa sociedade nacional. Olhar para os valores tradicionais do povo Kaiowá como a importância da família, a sabedoria dos velhos e a capacidade de resistir aos muitos “sarambi” é, de fato, um caminho produtivo para a análise antropológica dos processos de ressignificação que este povo tem vivido.

Os Kaiowá vão, assim, vivendo do seu jeito deles (*Nãnde teko*). O modo como situam-se diante da relação cidade-aldeia espanta ou frustra aqueles que não estão familiarizados com o universo das populações indígenas, mas alerta os pesquisadores para a realidade do tempo em que estamos vivendo

sob parâmetros globalizantes bem como para a necessidade de se defender a pluralidade étnica dando sentido às lutas e reivindicações dos grupos indígenas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. Pesquisas em vs. pesquisas com seres humanos. **Série Antropologia**. v. 1, n.336. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade étnica, reconhecimento e o mundo moral**. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 9, volume 16 (2): 9-40. 2005.

_____. **Os (Des)Caminhos da Identidade**. RBCS Vol. 15 no. 42 fevereiro/2000.

CHAMORRO, Graciela. **História Kaiowa**. Das origens aos desafios contemporâneos. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2015.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, S. T. M; CODO, Wanderley (orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 8.ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989, p. 58-75.

FUNAI. **História e cultura Guarani**. Fundação Nacional do Índio - FUNAI. S/D. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani>. Acesso em: 18 set. 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IBGE. **Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas**. 2010a. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>. Acesso em: 18 set. 2018.

IBGE. **Cidades: Amambai**. 2010b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/amambai/panorama>. Acesso em: 18 set. 2018.

IBGE. **Cidades: Coronel Sapucaia**. 2010c. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/coronel-sapucaia/panorama>. Acesso em: 18 set. 2018.

PIB/ISA. **Guarani Kaiowá**. Povos Indígenas no Brasil. Instituto SocioAmbiental – ISA. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Kaiow%C3%A1. Acesso em 18 set. 2018.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. A problemática dos “índios misturados” e os limites dos estudos americanistas: um encontro entre antropologia e história. In: _____. **Ensaio em Antropologia Histórica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999, p.99-123.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212 (em pdf: p. 1-15).

RAMOS, Alcida Rita. O índio hiper-real. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**. 1995.

SEEMS – Secretaria de estado de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul. **Tekoha ra'anga kuatia ñe'eme**. Trabalho escrito por professores Guarani e Kaiowá. Dourados: Ára Verá/SED/MS, MEC, 2011.